



## Movimento descansei

O Senado retomou seus trabalhos esta semana num clima bem mais ameno, indicando que, por ali, o principal movimento nos 20 dias do recesso foi o "descansei". Descansou de quê? De Renan. Os primeiros sinais são de que a disposição dos senadores em relação a seu presidente, que jogou a condução de todos os atos referentes a seu processo no Conselho de Ética para o vice Tião Viana – melhorou bastante. O líder do DEM, José Agripino Maia, um dos principais acusadores de Renan Calheiros, já o procurou ontem para informar que seu partido suspenderá na semana que vem a obstrução que vinha fazendo às votações em plenário até que o presidente se afastasse, o que não aconteceu e não leva o menor jeito de que vá acontecer.

O argumento do DEM é que o prazo para votação das mudanças na lei das pequenas e microempresas acaba na primeira quinzena de agosto. Se não forem aprovadas, as empresas só podem se beneficiar da nova legislação no ano que vem. Mas para votar esse projeto – e atender às pressões da base do ex-PFL –, o plenário do Senado tem que liquidar antes cinco medidas provisórias que estão obstruindo a pauta. A expectativa é de que, terça-feira, a Casa volte a trabalhar após longo e tenebroso inverno.

É tudo o que Renan quer e precisa: normalidade. A perícia da Polícia Federal em cima das notas fiscais da venda de gado continua e o processo no Conselho de Ética seguirá seu rumo e, segundo as expectativas, ainda vai rolar pelo menos durante os meses de agosto e setembro, quiçá até outubro ou novembro. Se, até lá, a oposição se mantivesse em obstrução, a vida do presidente do Senado iria ficar difícil e seus apoios acabariam fragilizados. Afinal, há muitos projetos importantes em pauta, a começar pela prorrogação da CPMF, fundamental para o governo, que é amigo dos amigos, mas não costuma marchar com eles para a guilhotina. Mas a melhor opção para o Planalto continua sendo aquela: a cabeça do presidente do Senado em cima do pescoço.

## Descansei do DEM

Mas não foi só o descanso das férias que influenciou na disposição de alguns senadores de se reaproximarem de Renan. Nesse meio tempo, faleceu o senador Antônio Carlos Magalhães (DEM-BA) e abriu-se a disputa na bancada ex-pefelista por seu lugar na presidência da CCJ. Pelo menos três senadores do DEM estão oficialmente no páreo: Romeu Tuma (SP), Edison Lobão (MA) e Marco Maciel (PE). E ainda há um quarto nome correndo por fora. Quem? Demóstenes Torres (GO), integrante do Conselho de Ética e um dos principais acusadores de Renan, que, todo mundo sabe, pode influir em suas funções na designação do novo presidente da comissão mais importante da Casa. Nas últimas horas, dois desses quatro senadores do DEM procuraram discretamente Renan no gabinete da Presidência. Separados, é claro. Ganha uma barra de cereal quem adivinhar quais.

## Melhorias do recesso

O Senado Federal é um só. São dois: um, durante os debates e sessões transmitidos ao vivo e em cores; outro, quando os refletores da TV Senado se apagam. Foi nessa hora, após o encerramento da primeira sessão pós-recesso, que durou 17 minutos, que os senadores passaram mais meia hora jogando conversa fora no plenário. E num clima de volta às aulas depois das férias. Arthur Virgílio voltou a falar com Renan Calheiros, com quem havia rompido após duro bate-boca em plenário. Os colegas brincaram com o presidente do Senado porque este retornou do recesso mais gordo: "É, tinha emagrecido e mandado apertar todos os ternos. Agora, não estão fechando", contou ele. Aloizio Mercadante foi elogiado pelo novo cabelo, que parecia mais liso (escova progressiva?). Romero Jucá foi elogiado porque aparou o bigodinho. E a vida continua no clube.

## Normalidade

O maior sinal de que o Senado começa a voltar a uma espécie de normalidade foi a sessão de debates ontem no plenário. O líder do PSDB, Arthur Virgílio, desancou o governo, da tribuna, durante mais ou menos uma hora e meia. Sem que nenhum senador governista aparecesse e pedisse a palavra para rebater seus argumentos, entre eles o de que Lula seria autoritário porque não sabe ouvir vaias. Jarbas Vasconcelos chegou a chamar Lula de "leviano". Mas, ao que parece, continua tudo como dantes no quartel de Abrantes: o Planalto continua apanhando como boi ladrão no plenário do Senado (sem trocadilho). Um pouco mais tarde, apareceu Aloizio Mercadante e defendeu o governo, afirmando que o acidente da TAM não pode ser politizado. Mas aí já era tarde demais.